

serie 11 n.º 204 - Inverno 2017 - www.apagina.pt - 4 €

# a *Página* da educação

**JOÃO ARRISCADO NUNES**  
resistência à mudança

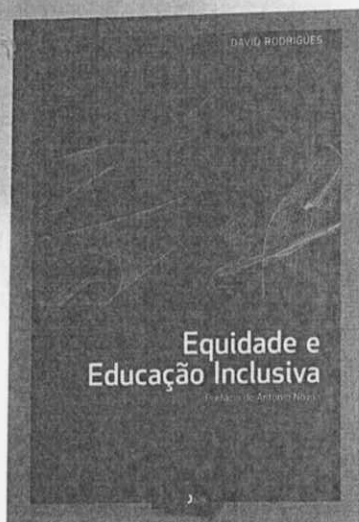
**AMÉRICO NUNES PERES**  
o que nos une e separa

**MANUEL SOBRINHO SIMÕES**  
o sucesso da formação

**EM FOCO**  
Carlos Tê: *As palavras são  
a maior invenção do homem*

**CORAL DE LETRAS**  
do Porto para o mundo

NOS 20 ANOS DA PÁGINA  
UMA NOVA COLEÇÃO



Uma aguda, oportuna e desafiadora visão das realidades educativas pelo prisma de quem abraçou a causa da qualidade da Educação para todos há dezenas de anos. Com este livro, David Rodrigues não procura criar consensos, mas, sobretudo, suscitar debates e energias de participação num sempre necessário debate sobre a Educação.



Além da pertinência das análises, assume aqui particular evidência a articulação eficaz entre temas de política educacional, desenvolvidos no âmbito da produção académica, e preocupações emergentes dos contextos de ação, dando origem a um discurso lógico, ainda que marcado pelo vivido. Nesta continuidade entre investigação, docência e vida, Almerindo Janela Afonso oferece-nos belíssimas páginas de esperança, de responsabilidade e de liberdade.



Um livro de leitura obrigatória para todos os educadores e professores, pedagogos e investigadores, pais e encarregados de educação, bem como para políticos e cidadãos, já que percorre vários andamentos da nossa história contemporânea, analisados por José Paulo Serralheiro, entre fevereiro de 1992 e abril de 2002, nas páginas d'a *Página da Educação*.



Com um título particularmente sugestivo e interpelante, Miguel Santos Guerra recorda que não há outra forma de viver a "apaixonante questão da cidadania", senão através de um compromisso quotidiano com a prática da democracia enquanto escola de liberdade – liberdade teimosamente perseverante na defesa da convivência solidária, da justiça e da paz social.

**Coleção a Página**

DISPONÍVEL NAS LIVRARIAS E NA PROFEDIÇÕES  
Rua D. Manuel II, 51/C - sala 25 - 4050-345 Porto  
[www.profedicoes.pt](http://www.profedicoes.pt)

*A mediação intercultural atravessa os vários domínios do social e as mais variadas formas de mediação, distanciando-se da pura resolução de conflitos e posicionando-se numa perspetiva preventiva e, essencialmente, transformadora das relações sociais.*

Sempre que se fala em mediação, é comum emergir, em primeiro lugar, a ideia de posição intermédia, da presença do terceiro termo, que se refere ao mediador como pessoa ou à equipa que assume a função de ponte, ligação ou catalisador dos processos de mediação. A terceira parte pressupõe e condiciona a existência de duas partes: “A estrutura ternária implica abertura, uma vez que o terceiro rompe a dualidade em que os dois seres se encontram envolvidos” (Torremorel) e é para eles um ponto de referência comum. Efetivamente, a mediação implica a construção de terceiros lugares, mas estes não têm, necessariamente, de ser um ponto equidistante entre as partes. Se na mediação jurídica, esse lugar, que continua a ser uma terceira posição, se cruza com a apregoada imparcialidade, na mediação intercultural, que além de preventiva se assume como transformadora da sociedade e construtora de espaços de (con)vivência, estamos perante um novo paradigma, assente na pedagogia social. Como sublinham Carvalho & Baptista, “os educadores sociais surgem, neste sentido, como mediadores profissionais, como promotores de laços sociais numa perspetiva criativa e renovadora que não se confunde com a concepção de mediação de tipo curativo ou preventivo”. Ainda de acordo com estes autores, numa matriz de pedagogia social, “mais do que procurar minorar tensões existentes entre indivíduos ou grupos, trata-se de promover relações interpessoais positivas, impulsionadoras de atividade, de criatividade e de solidariedade. [...] Indissociável do sentido transformador evidenciado anteriormente, a mediação pedagógica é necessariamente optimista e ambiciosa. Nessa medida, ela demarca-se das práticas de simples assistência ou ajuda humanitária.”

**Mediação e intervenção.** Em segundo lugar, quando se fala de mediação, surge, tanto nos discursos como nos manuais, o grande dogma da neutralidade. A ideia de que é possível o profissional social ser neutro. Contudo, a única forma de ser neutro é estar morto, como nos lembra Torremorel. A necessária empatia que o mediador intercultural tem de desenvolver com as partes envolvidas, enquanto interventor social, não lhe permite a neutralidade axiológica. Relativamente a esta questão da neutralidade, que é um dos aspetos mais polémicos da mediação, fomos assistindo, mais recentemente, à convocação do conceito de *imparcialidade*, em vez de *neutralidade*, embora alguns autores continuem a considerar tal atitude como uma abstração. Há, ainda, autores que, em vez de *imparcialidade* (não tomar partido por ninguém), passaram a falar em *multiparcialidade*, uma vez que o mediador tem de promover a escuta ativa com todos, tentar entrar no entendimento de todos, e isso não pode ser feito de forma neutral nem



imparcial. Tal trabalho implica atitudes empáticas por parte do mediador, e daí a ideia de *multiparcialidade*. Contudo, se entendermos a mediação intercultural no âmbito da Pedagogia Social, e mais na perspetiva reabilitadora e criativa do que preventiva ou resolutiva, nem é absolutamente de *multiparcialidade* que se trata. Efetivamente, para facilitar a comunicação, para fomentar a coesão social e promover a autonomia e a inserção social das minorias e dos mais fragilizados, o mediador não pode tomar a parte da cultura hegemónica, sob pena de estar a desenvolver um *assimilacionismo* disfarçado de neutralidade. A autonomização, o empoderamento e a advocacia dos desfavorecidos implicam um mediador



isa  
ão,  
ão  
das

# A mediação intercultural como prática da Pedagogia Social

Ana Vieira  
Ricardo Vieira

intercultural que se demarque da imparcialidade, mas também das simples práticas de assistencialismo e de ajuda humanitária.

A mediação intercultural, assente num quadro de referência da Pedagogia Social, atravessa, assim, os vários domínios do social e as mais variadas formas de mediação (comunitária, escolar, familiar, laboral, jurídica, etc.), distanciando-se da pura resolução de conflitos e posicionando-se numa perspetiva preventiva, mas, também, e essencialmente, transformadora das relações sociais. De facto, o mediador intercultural não pode deixar de ser, também, um interventor social que procura mudar situações sociais que geram injustiças, carências

ou revoltas, sempre com o envolvimento dos implicados, como busca da convivência (Jares) e da hospitalidade enquanto valor humano (Carvalho & Baptista).

#### Referências

- Carvalho, A. & Baptista, I.  
*Educação Social, Fundamentos e Estratégias*. Porto Editora, 2004
- Jares, X.  
*Pedagogia da Convivência*. Profedições, 2007
- Torremorel, M.  
*Cultura de Mediação e Mudança Social*. Porto Editora, 2008